O secretário de Estado que depois de o ser já não era. Bairrão subestimou ódios antigos e não resistiu à pressão que Moniz, Moura Guedes e outros fizeram a Passos FOTO TIAGO MIRANDA

Polémica Bairrão foi convidado no dia 20 com conhecimento de Passos. Uma semana depois o Governo entrou em pânico com pressões e cedeu

Como as guerras com Moniz e Moura Guedes tramaram Bairrão

A saída de Bernardo Bairrão da lista de secretários de Estado foi o ponto final num processo de bastidores que se desenrolou em pouco mais de 24 horas. Um processo que começou com um SMS de Manuela Moura Guedes para o telemóvel do primeiro-ministro na noite de domingo e que acabou por envolver vários ministros numa tentativa de perceber se havia ou não algum 'caso' que pudesse impedir Bairrão de transitar de administrador da TVI (Media Capital) para a equipa do Ministério da Administração Interna.

O núcleo político do Governo não chegou a nenhuma conclusão sobre as suspeitas mas ficou assustado com as pressões e deixou cair Bairrão sem apelo, apesar de este ter sido formalmente convidado para o cargo uma semana antes, com o conhecimento de Passos Coelho.

Ao contrário do que fontes do Governo deram a entender, o recuo não teve nada a ver com a fuga de informação de Marcelo Rebelo de Sousa. Esteve, tão-só, ligado a guerras antigas da TVI, que foram ajustadas esta semana. E a um clima epidérmico que a possível privatização da RTP provocou em grupos interessados. O calendário dos acontecimentos ajuda a esclarecer o caso mais estranho do Governo.

Segunda-feira, 20 de junho. Miguel Macedo convida Bernardo Bairrão para secretário de Estado da Administração Interna. O convite foi feito depois de Passos considerar uma ótima escolha e não achar impeditivo o facto do administrador da Media Capital ser contra a privatização da RTP. Bairrão pediu dois dias para pensar.

Quarta-feira, 22 de junho. Bairrão vai a Madrid falar com os espanhóis da Prisa, acionistas maioritários da Media Capital. Diz-lhes que vai aceitar o convite e telefona a Macedo.

Quinta-feira, 23 de junho. Já em Lisboa, Bernardo Bairrão informa os colegas de administração da Media Capital que vai ocupar um cargo público.

Sexta-feira, 24 de junho. Bernardo Bairrão comunica a José Alberto Carvalho, diretor de informação da TVI, que vai ocupar um cargo público.

Sábado, 25 de junho. A administração da TVI decide que tem de informar a Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM) na segunda-feira sobre a saída de Bairrão, porque se trata de um "facto relevante" de uma empresa cotada em Bolsa.

MOURA GUEDES ENVIOU SMS A PASSOS NA NOITE DE DOMINGO. A PARTIR DAÍ O MEDO DE UM 'CASO' DISPAROU

Nesse mesmo dia, Marcelo Rebelo de Sousa é informado por um membro do Governo do PSD de que Bairrão vai para a equipa de Macedo. Nesta altura, a informação é do conhecimento de todo o núcleo político do Executivo, que a considera uma "grande contratação".

Domingo, 26 de junho, 18h30. Bairrão sabe que Marcelo vai divulgar a sua saída e vai à TVI falar com o comentador. Por precaução, avisa Júlio Magalhães, pivô do "Jornal da TVI", para este não ser apanhado de surpresa no ar.

Domingo, 26 de junho, 20h. Marcelo divulga a ida de Bairrão para o Governo. É aqui que tudo se precipita.

O momento pode ser assinalado com precisão porque decorre de um SMS enviado por Manuela Moura Guedes para o telemóvel de Passos Coelho e que levou Passos a levantar a questão a outros membros do Governo, para saber se existia algum 'caso' com Bairrão.

O SMS levantava suspeitas antigas sobre alegados negócios de Bernardo Bairrão. Um tema que era falado nos meios jornalísticos, sobretudo depois da rápida saída do ex-diretor de programas da TVI, André Cerqueira, para o Brasil. Nessa altura circularam informações sobre alegados negócios de quadros da TVI com a TV Zimbo em Angola e o "Correio da Manhã" chegou a publicar uma notícia sobre isso. Mas nunca se soube nada de concreto.

Os factos públicos remontam ao tempo em que Bernardo Bairrão e José Eduardo Moniz eram muito próximos. A ponto de terem constituído uma sociedade em 2008 para prestarem serviços de consultoria no lançamento da TV Zimbo, de Angola. A sociedade teve vida curta, porque um ano depois a TVI estabeleceu um protocolo com os parceiros angolanos. Mais tarde, a Plural (produtora da ficção da TVI) entrou como sócia minoritária na Plural Angola. Estas parcerias sucitaram comentários na Estação de Queluz, sobretudo depois de Bairrão ter ficado na administração que negociou a saída de Moniz da TVI e que afastou Moura Guedes dos ecrãs nas vésperas das legislativas de 2009. Moniz é hoje vice-presidente da Ongoing, grupo interessado na privatização da RTP.

Foi este o tema que renasceu na noite de domingo, a ponto de assustar o primeiro-ministro, que tinha imposto regras claras de que ninguém com eventuais 'casos' jornalísticos ou judiciais devia entrar para o Governo.

Segunda, 27 de junho, início da manhã. Paulo Portas telefona a Miguel Pais do Amaral, homem-forte da Media Capital (e ex-patrão de Portas n"O Independente") para saber se há algum problema na vida empresarial de Bairrão. A resposta tranquiliza Portas, que informa o PM. À mesma hora, Miguel Relvas, ministro dos Assuntos Parlamentares, fala com Moura Guedes. Feito o balanço dos telefonemas, é decidido manter Bairrão na lista.

Segunda, 27 de junho, 11h. Passos Coelho leva a lista, com o nome de Bairrão, ao Presidente da República.

Segunda, 27 de junho, 13h. Miguel Pais do Amaral almoça com Bernardo Bairrão no seu restaurante preferido de Lisboa, o Mezzaluna.

Segunda, 27 de junho, 14h30. No restaurante, Bairrão recebe um telefonema de Miguel Macedo preocupado com pressões e insinuações que circulam. Bairrão avança para o Ministério. É aí que é confrontado com as informações sobre Angola e alegadas queixas da Ongoing, que tem ligações muito diretas à equipa de Passos Coelho.

BAIRRÃO FOI CHAMADO AO M.A.I. A MEIO DE UM ALMOÇO DE DESPEDIDA COM MIGUEL PAIS DO AMARAL

Segunda, 27 de junho, 15h. Miguel Macedo chega à reunião do Conselho de Ministros ainda com Bairrão na equipa. Mas as pressões continuam. Além de Moura Guedes e Moniz (que estava no Brasil, em representação da Ongoing) — e de cuja influência Miguel Macedo se queixou a várias pessoas esta semana —, a privatização da RTP fez o resto. Vários ministros receberam informações antes e durante o Conselho de Ministros sobre o 'caso' que podia atrapalhar o Governo nos seus primeiros dias de vida. Durante as duas horas de reunião há SMS a circular sobre o assunto, e as pressões alargam-se ao mundo empresarial, alegadamente a quem representa interesses diretos na privatização da RTP. Miguel Macedo percebe que está a perder o jogo.

Segunda, 27 de junho, 17h. O Conselho de Ministros acaba e Passos decide retirar Bairrão da lista. Portas não terá sido informado logo da decisão. Miguel Macedo fica lívido mas obedece para não criar problemas ao Governo.

Segunda, 27 de junho, 18h. Bairrão avança de novo para o MAI para reunir com Miguel Macedo. No caminho, percebe que as edições *online* dos jornais já dizem que o seu nome saiu da lista. Bairrão e Macedo combinam a frase das "razões políticas e pessoais", que vão repetir no dia seguinte como motivo da desistência.

Segunda, 27 de junho, 20h. No Governo, criam-se as habituais cortinas de fumo: a fuga de informação de Marcelo, o alegado desconhecimento do convite e o facto de Bairrão ser contra a privatização da RTP. Mas o caso não passou por aí.

Terça, 28 de junho, 20h17. Um longo *e-mail* de Bernardo Bairrão chega a todos os trabalhadores da TVI. Nela, o administrador reafirma que "mesmo perante os últimos desenvolvimentos" mantém a intenção de sair do grupo. Assume que parte "com a consciência tranquila de tudo ter feito para defender os interesses das empresas — TVI e Plural" a que esteve ligado. Diz ainda que viveu aqui "momentos bons, maus, péssimos e fantásticos" e que tomou "boas e más decisões, das que gostaríamos de poder voltar atrás para corrigir. Mas o tempo não volta atrás".

Contactada pelo Expresso, Manuela Moura Guedes "desmente totalmente" as informações recolhidas e garante não ter "qualquer relação pessoal com o PM", com quem contactou "apenas para o entrevistar para o 'CM'". Já José Eduardo Moniz considerou o assunto "uma imbecilidade" que, acrescenta, "não tem fundamento nem faz sentido". Acabado de chegar do Brasil, recusou acrescentar qualquer outro comentário.

RICARDO COSTA e ROSA PEDROSO LIMA
rcosta@expresso.impresa.pt